

POR DENTRO DO THEATRO MUNICIPAL

Revista de Comunicação Interna



Foto: Stig de Lavor

COMPLEXO TMSP
EDIÇÃO 07 – OUT 2023

3	Entrevista
17	Notícias
18	Informes
19	Programação
25	Expediente



MUNICIPAL ENTREVISTA FERNANDA BUENO

Foto: Stig de Lavor



DESENHAR O AMANHÃ A PARTIR DO COLETIVO

A nova coordenadora artística administrativa do Balé da Cidade de São Paulo, Fernanda Bueno, é de casa, mas é também do mundo. Nascida em Guaianazes, periferia de São Paulo, a inquieta profissional traz em seu currículo as formações de bailarina pela Escola Municipal de Bailados (atual Escola de Dança de São Paulo), de jornalista e é mestranda em gestão e políticas públicas pela FGV/SP. A profissional da cultura, com 15 anos como bailarina desse mesmo corpo artístico, é também diretora executiva do Instituto Artxs e da Axé No Corre Produções.

Seu corpo ainda não sabia, mas aquele seria apenas o começo de um longo e trabalhoso caminho. Fernanda começou muito jovem a gostar dos palcos. Sua vida artística começou por causa do tio, que produzia eventos e festas infantis. Ela performava em diversos projetos e dali ingressou na Escola Municipal de Bailados aos 10 anos de idade. As décadas seguintes foram tomadas por muita dança: trabalhou com diversos e renomados artistas, coreógrafos e diretores das artes nacionais e internacionais. Nessa conversa, ela nos conta sobre sua trajetória, seus 15 anos como bailarina do corpo artístico de dança da casa e suas expectativas para este novo papel na sua história.

Como você começou sua vida artística?

Eu tenho um tio que é ator, músico e palhaço. Ele trabalhava com festas e eventos, e eu comecei a atuar com ele com 2 anos de idade. Quando aprendi a ler, meu personagem principal na trupe era ser o cupido. Eu saía de dentro de um bolo e declamava o “Soneto de Fidelidade”, de Vinicius de Moraes. Quando completei 9 anos, uma vizinha comentou com minha mãe que a filha fazia balé na antiga Escola de Municipal Bailados, a atual Edasp. Minha mãe viu uma ótima oportunidade para eu me desenvolver e me inscreveu. Passei na seleção e foram oito anos até me formar em 2002. Naquela época, o foco principal da escola ainda era o balé clássico. No meio da formação eu não queria mais dançar apenas o balé clássico e manter o meu corpo naquela estrutura de “princesa”. Nesse sentido, eu já preferia ser a “bruxa” (ri).

Como você chegou à dança contemporânea?

No 7º ano da escola, começamos a ter aulas de dança moderna, técnica da Martha Graham ministrada pela Ruth Rachou. Foi um episódio de descobertas de novos movimentos e possibilidades com meu corpo. A aula dessa técnica começa no chão – para quem nos lê e não sabe, no balé clássico você só vai para o chão quando “morre”. Nesse mesmo período o coreógrafo Jádriel Alves foi convidado para criar uma coreografia contemporânea no CBJ. Isso realçou o tipo de movimento que eu desejava e que marcaria minha carreira para sempre. Paralelamente, muitas mudanças estavam acontecendo na minha vida pessoal: minha família passou por uma crise financeira, mudamos de bairro, eu e meus irmãos mudamos de escola. As realidades cotidianas, que em nada tinham a ver com “o mundo que eu vivia do balé”, foram me orientando para outros caminhos. Hoje percebo que estava buscando outras linguagens que me permitissem outro tipo de diálogo, em que eu não era obrigada a replicar estruturas de poder, comportamentos e estéticas que eu não aceitava. Me aproximar de outras danças foi inevitável.

Sua relação com o ativismo começa aí?

Em 2001, quando comecei a ter aula de dança moderna, tiramos o coque, a sapatilha, sentamos no chão, rolamos e isso mudou tudo. Tenho uma foto com minhas amigas da escola em que estamos jogando as sapatilhas de ponta fora, fazendo nossa pequena revolução.

A Ruth Rachou era uma pessoa que falava: “DANÇA! A técnica está a nosso favor, não é sobre ela”. Eu me identifiquei muito com essa fala e as conduções que ela proporcionava. O ativismo começou primeiro comigo mesma. Descobrimos o que o meu corpo queria dançar e lutando por isso.

Mas como chegou à dança contemporânea profissionalmente?

Eu entrei no Corpo de Baile Jovem da EMB porque eu queria dançar a coreografia contemporânea do Jádriel Alves, mas, na sequência, o trabalho caiu. Decidi ficar no CBJ e ver no que ia dar. Um dos projetos do CBJ era incentivar que as bailarinas desenvolvessem outras habilidades. Tinha uma parceria com a orquestra Acorde para as Cordas e eles encaminhavam as músicas que os

jovens aprendizes sabiam tocar para as bailarinas do CBJ coreografar. Nesse período, eu estava fazendo aulas de outras danças nos centros culturais – como o Centro Cultural São Paulo e o Oswald de Andrade –, então eu estava aprendendo coisas novas. Quando as músicas da orquestra chegavam, a gente sentava para escutar e decidir quem queria criar para qual música. Decidi junto com uma amiga criar para uma música de Vivaldi. Ali eu comecei a coreografar, além de desenvolver a habilidade de ensaiar e coordenar o ensaio. Deu supercerto! Uma coisa foi levando à outra, mas minha carreira em companhia profissional de dança, sendo remunerada para dançar, foi em Manaus, no Corpo de Dança do Amazonas com direção da Ivonice Satie. E começar a carreira com a Ivonice Satie como diretora foi absurdamente importante. Levo seus ensinamentos no meu dia a dia até hoje e, certamente, para sempre!

E como bailarina e intérprete?

Em 2001, eu me formei no ensino médio e 2002 era meu último ano na EMB. Combinei com meus pais que faria cursinho para prestar o vestibular no final daquele ano. No primeiro dia do cursinho, quando acabou a aula, liguei para minha mãe do orelhão e disse: “Mãe, cancela minha matrícula no cursinho. Eu vou dançar”. Daí fui fazer várias aulas nos centros culturais da cidade. Tinham pessoas como Gícia Amorim e João Andreazzi voltando para o Brasil, outros excelentes profissionais dando aula nesses lugares. Eu fazia aula todos os dias, o dia todo. Das 9 às 22 horas.



Lanchava no metrô de um lugar para o outro. Me inscrevia em tudo o que era aula. Dança contemporânea, hip-hop, teatro, circo... Lembro que fui fazer uma oficina do Sandro Borelli e a diretora da Escola Municipal de Bailados ficou chocada. Ele era visto como transgressor e ela tinha aquela visão de “bailarina”, mas eu fui mesmo assim. Foi muito importante esse período porque aprendi muito, conheci pessoas diferentes fora da “escola de balé”. Isso me trouxe novas perspectivas para a dança, para as artes, aumentou meu repertório e me construiu como intérprete. Por isso, como eu tinha novas fontes, as coreografias que fiz no CBJ funcionaram e foram dançadas várias vezes, inclusive no palco do Theatro Municipal.

Aí você tem um encontro bem especial, né?

Sim! Nós viemos assistir ao espetáculo do Balé da Cidade para ver os recursos técnicos disponíveis para colocar nossa coreografia no palco do Theatro Municipal (Fernanda para e, emocionada, chora). O espetáculo era *Axioma 7*, do coreógrafo israelense Ohad Naharin. Fiquei impressionada com o que estava vendo e pensei: quero muito dançar isso! Já em 2003, eu voltaria a trabalhar com ele. Mas preciso voltar um pouco na história: trabalhando no CBJ após minha formação, eu era bolsista na escola da Ruth Rachou, dava aula de balé para crianças de 3 a 6 anos para pagar as sapatilhas e conheci, nas aulas dos centros culturais, um rapaz chamado Marcelo Vieira que estava montando uma

companhia. Fui trabalhar com ele. Eu já estava fazendo outras coisas e o CBJ só fazia balé. Então, pedi para me desligar do CBJ para não segurar a vaga de outra pessoa que estivesse mais interessada do que eu. Uma semana depois do meu desligamento fiquei sabendo que três bailarinos do Balé da Cidade viriam coreografar. Entrei na sala da direção da escola e disse: “Não acredito que vocês me deixaram sair do CBJ sabendo que eu queria dançar contemporâneo!”. E elas responderam dizendo que tinham uma ideia melhor pra mim. Me indicaram para ser assistente de coreografia do Robson Lourenço (ex-bailarino do BCSP), pelo fato de me considerarem uma boa ensaiadora. Foi muito legal. Mas eu queria dançar também. Daí veio a melhor parte: elas me indicaram para um estágio no Balé da Cidade de São Paulo.

E como foi o estágio?

Bom, como eu já tinha me formado no ensino médio e na escola de dança, podia acompanhar o horário de trabalho da companhia. Eu ficava o dia inteiro, fazia aula, ensaiava. E, para minha surpresa, quem estava trabalhando com a companhia naquele momento? O coreógrafo de *Axioma 7*, Ohad Naharin, de quem eu tinha visto o espetáculo no TM, lembra? Foi transformador ver a companhia trabalhando com ele. Aqui no Brasil, a gente olha a dança como se o balé clássico fosse a base, uma coisa supereurocentrada, que nem é mais o padrão hoje. Nessa ocasião, lembro de um passo que uma bailarina fazia que parecia um *grand jeté*. Ela executava



como um *grand jeté* e ele disse: “Isso não é um *grand jeté*! Você é um tigre e vai a-ta-car”. E aí ele fazia o salto como se estivesse dando um bote. Foi ali que pensei: claro, como já dizia a Ruth Rachou, a questão não está na técnica! Naquele caso, o tigre é o mote para se mover e isso muda tudo. Foi um divisor de águas porque eu vi a transformação acontecendo nos corpos do elenco do BCSP. Inclusive, o elenco que teve a experiência de participar desse momento reforça essa visão.

Você se sentiu integrada?

Na ocasião, a faixa etária do elenco era 30+ e eu tinha 18. Fui a primeira aluna da Escola de Bailados a estagiar no

BCSP. Não havia essa ponte e até hoje ela não está solidificada. Mas precisa, é fundamental. Mesmo que a bailarina não seja absorvida pela companhia, esse estágio é essencial para entender o que é ser um profissional da dança. Se não me engano, quando a Susana Yamauchi foi diretora da Edasp, ela colocou no currículo que as alunas do último ano precisavam fazer estágio em alguma companhia. Mas voltando à pergunta: fui muito bem recebida pelo elenco e pela direção da época, eles foram muito receptivos e atenciosos. Eu era muito jovem e percebi que, para dançar à altura daquela galera, precisava amadurecer e amadurecer a minha dança, e, para isso, precisava entrar em uma companhia que me desse espaço para dançar.

Quais foram seus passos seguintes?

A tia Lili, como chamamos carinhosamente a Liliane Benevento, maître de balé do BCSP há mais de 20 anos, que eu conheci neste estágio em 2003, conseguiu uma bolsa para mim no Studio3. Lá conheci o Corpo de Dança do Amazonas de Manaus, na época dirigido pela Ivonice Satie. Eles vieram dançar em São Paulo, fizeram aula no Studio3, todos jovens. Pensei: acho que posso dançar nesse grupo. Pintou uma audição, eu queria fazer, mas não tinha dinheiro para ir e voltar de Manaus. Eu tinha que ir, passar e ficar. Só tinha o dinheiro da ida. Conversei com o Anselmo Zolla, diretor na Studio3 Cia. de Dança, e perguntei o que ele achava e se eu tinha condições de entrar. E ele respondeu: “Vai!”. Me colocou para falar com a Ivonice ao telefone. Minhas pernas começaram a tremer! Eu não sabia como funcionavam as conexões, nada. Então ela perguntou: “Você quer mesmo?”. Em março de 2004, meu pai vendeu o Fusca dele (se emociona novamente), que era seu único bem naquela época, fui fazer a audição, passei, fiquei por lá e tive de esperar quatro meses para receber meu primeiro salário. Morei de favor na casa de uma bailarina e de uma ensaiadora, meus pais me mandavam 50 reais por semana. Era o que eles tinham para me ajudar. Depois que comecei a receber meu salário, fui dividir apartamento com outras três pessoas, porque era o que dava para pagar com o salário que recebíamos, e fiquei três anos em Manaus. Em 2005, abriu uma audição no BCSP e cá estava eu. Fiquei até o fim, junto com outras quatro bailarinas bem mais experientes

do que eu, e que tinham passado por companhias como o Cisne Negro, Stagium e Quasar. Não contrataram ninguém, mas fiquei muito feliz de ter chegado até o final, principalmente porque a equipe da direção do BCSP, a mesma da época em que fiz o estágio, não me reconheceu. Ou seja, fui aprovada pelo meu desempenho na audição. Depois do Corpo de Dança no Amazonas, passei pela Cia de Danças de Diadema e, em 2008, fui convidada a integrar o elenco do BCSP, onde estou até hoje.

Fernanda, você disse que o estágio no Balé da Cidade te mostrou o que é ser um bailarino profissional. Por que e o que você acha que é ser um?

Quando fiz estágio, era a primeira vez que isso estava acontecendo e não se sabia muito o que eu podia ou não podia fazer. Eu aproveitei a brecha e fazia tudo! Ninguém me direcionou objetivamente como um estágio, mas eu tive a sorte de ter um elenco que me recebeu de forma muito carinhosa e colaborou muito pro meu crescimento. Quem me dava esses toques do dia a dia eram os bailarinos, como Andrea Tomioka, Melissa Soares, Liris do Lago, Dilênia Reis, Robson Lourenço, Flavio Lima, Tutu Gomes, da Cia1. Na época também tinha a Cia2, com as grandes Claudia Palma, Andréa Maia, Raymundo Costa, Armando Aurich, entre outros, gente em quem eu me inspirava. E, sobre o que é ser um bailarino, bom, o horário oficial de um bailarino vai das 9 às 16 horas, começa com uma aula e depois da aula temos um dia todo com laboratório, workshop, processo de criação, ensaio



não são apenas essas horas no contrato. Isso só a parte física. Tem também a parte artística. Somos artistas! Ser uma bailarina profissional passa por entender as especificidades da sua profissão, entender os tempos da sua carreira, do seu corpo, da instituição, os ciclos mais frutíferos de criação, questões orçamentárias, políticas, econômicas internas e do país, questões geopolíticas. Enfim, isso tudo impacta diretamente o nosso trabalho. Precisa de muita saúde mental para conduzir todas as camadas. Quando eu danço um trabalho em que eu morro no final, como *A Sagração da Primavera*, eu morro um pouco ali toda vez. Dar vida e conduzir o olhar do espectador para ele sentir essa emoção é um trabalho coletivo. Meu trabalho não é individual. Mesmo se for um solo, tem um time gigante de pessoas trabalhando comigo para que eu possa estar no palco.

É quase um sacerdócio diário, né?

Não gosto de nomear como sacerdócio porque somos profissionais e precisamos ser reconhecidos e respeitados como tal. Se não educarmos as pessoas ao nosso redor, vamos continuar ouvindo: “Ah, que lindo! Mas você também trabalha? Você recebe pra isso?”, sabe? De toda maneira, exige MUITA dedicação. Bailarino não vive de aula e treino. Bailarino vive de palco! É ali, na cena, onde o resultado do seu trabalho acontece. É aquela frase: treino é treino, jogo é jogo. Claro que sem treino você não vai bem pro jogo. Mas é quando chegamos no palco que tudo acontece. A luz, o cenário, o figurino, o

das obras que vamos apresentar. Um dia todo de exercício físico, emocional e psicológico. Só que, antes desse horário, a gente se troca, se maquia, se aquece. Então o dia não começa às 9 horas. Eu bato ponto às 9 horas, tem todo um preparo imprescindível, sem o qual não consigo manter a saúde do corpo. E a mesma coisa depois. Um destreino, alongamentos, fisioterapia. A companhia não me dá mais do que a manutenção técnica do dia a dia. Fazemos academia, natação, pilates, uma série de outras atividades fundamentais para a manutenção física que são feitas fora do horário de trabalho. Então minha carga

público presente, a energia de quando a cortina abre muda tudo. Infelizmente, a gente chega na estreia de um espetáculo com poucos dias de ensaio no palco, muitas vezes só dois dias. É pouco. E é nesse momento do palco que a entrega de sacerdote, a devoção, é verdadeira porque o comprometimento com a arte e a carreira se sobrepõe e a gente dá vida à obra. E depois que a cortina fecha, no último dia da temporada, começa tudo de novo.

E como é isso num cenário de uma instituição que passou por tantas mudanças?

A frequente mudança de gestão impacta diretamente o nosso trabalho. O Balé da Cidade é uma companhia que frequentemente muda de direção, mas principalmente por motivos artísticos. Diferente das mudanças de governo, que impactam as alternadas equipes de direção da agora Fundação Teatro Municipal e, por consequência, as relações políticas com as organizações sociais gestoras do Complexo Teatro Municipal. A falta de estabilidade nas gestões atrapalha a continuidade dos projetos artísticos do TM e de seus corpos artísticos. O BCSP tem a característica de não ter só uma pessoa criando as coreografias, e é por isso que muitos artistas querem dançar aqui. A mudança artística é interessante porque temos a possibilidade de trabalhar com diferentes pensamentos de gestão em dança, além das coreógrafas e dos coreógrafos convidadas/os. Mas é preciso frisar que rotatividade não é diversidade. Por exemplo: para termos

diversidade nos trabalhos, precisamos ter diversidade nas pautas, logo, precisamos também ter corpos diversos dentro do BCSP. Veja, só temos uma bailarina negra na companhia e não temos nenhum corpo trans. Como falar de diversidade sem pontuar essas questões? Precisamos atualizar nossos projetos por aqui com mais ações de políticas afirmativas. O resultado artístico será inevitável se tivermos isso como um princípio. Agora, uma parte muito boa quando virou FTM foi que passamos para a CLT. Foi a primeira vez que tive uma carteira de trabalho assinada como bailarina e, com isso, todos os direitos de um trabalhador.

Você veio para São Paulo quando conseguiu a aprovação no Balé da Cidade?

Cheguei a pensar em ir embora de Manaus, mas a diretora, e principalmente a mulher, Ivonice Satie não deixou. Ela disse que eu precisava colher os frutos do meu trabalho por lá. Mas em 2006 ela teve um câncer e precisou ficar em São Paulo se tratando. E depois que você trabalha com uma mulher como ela, com todo o respeito aos meus colegas de trabalho, voltei para São Paulo. Pedi demissão e vim para São Paulo sondar propostas de contrato. Foi quando teve um espetáculo em homenagem à Ivonice no antigo Teatro de Dança, no Terraço Itália, e eu fui convidada para dançar. Ali, além de ter sido muito especial por causa da minha relação profissional e pessoal com ela, tive uma grande visibilidade. Como várias companhias e pessoas importantes do cenário da

dança estavam lá, vieram propostas de trabalho. Por exemplo, da companhia criada pela Ivonice em Diadema e do Cisne Negro. O Cisne infelizmente não me dava a possibilidade de arcar com meu sustento, o salário era menor que o de um estagiário. Fui para Diadema e depois fui convidada pela Mônica Mion para o BCSP.

E como seguiu sua carreira?

Fiquei na companhia de Diadema por um ano. Quando saí, fui até o BCSP e, como não tinha contrato, eu estava me organizando para sair do Brasil quando a Mônica Mion, então diretora do BCSP, me retornou uma semana depois. Isso foi em março de 2008. Ela disse que a companhia faria uma turnê para a Europa em setembro do mesmo ano e que uma bailarina havia rompido o ligamento do joelho, então ela precisava de uma bailarina para substituí-la. Ela ainda disse: “Não é o que você quer, mas é o que eu tenho agora”. Respondi que não era mesmo o que eu queria, mas vi ali uma

oportunidade de mostrar meu trabalho na prática. Uma coisa é você ver a pessoa no palco, outra coisa é trabalhar com ela no dia a dia. Me juntei ao BCSP em junho de 2008 para dançar um único trabalho. Duas semanas antes de embarcarmos para Europa, uma bailarina caiu num salto durante a aula, machucou o joelho e fizeram uma substituição interna. Quando estava na semana de embarcar, outra bailarina torceu o pé. A Lumena Macedo, ensaiadora da companhia na época, olhou pra mim e perguntou: “Você sabe?”. Eu só fiz sinal com a cabeça que sim. Ela disse: “Corrido!”. Fiz o corrido, ela dispensou a companhia, fez algumas correções pontuais em 30 minutos de ensaio e embarcamos no dia seguinte para a Europa. E o que eu dancei na minha estreia com o BCSP? Um trabalho do Ohad Naharin em Barcelona! A gente sempre brinca no balé dizendo que essas situações são como um Kinder Ovo, tem sempre uma surpresa no meio do caminho. No mesmo período, um bailarino da Cia2 se desligou e fui contratada. As palavras da Ana Teixeira, a assistente



de direção da Mônica, foram: “Não tinha como não ser seu!”. O que era para ser passageiro, durou 15 anos. Eu tinha muito respeito de todos por ter trabalhado com a Ivonice Satie. O bailarino Robson Lourenço então me disse: “Parabéns, você entrou! Agora vem o outro desafio: se manter e construir sua carreira.”. De 2008 até hoje, passei pelas gestões de Mônica Mion, Lara Pinheiro, Iracity Cardoso, Ismael Ivo, Raymundo Costa como diretor interino, Cassi Abranches e agora com Alejandro Ahmed. Foram anos de muito trabalho e conquistas. Momentos como em *Paraíso Perdido*, de Andonis Foniadakis, *Titã*, de Stefano Poda, enfim, processos incríveis. Trabalhei com muita gente nessas companhias, principalmente aqui no BCSP. Claro que eu não consegui ficar só no balé. Fazia várias coisas fora. Por exemplo, fui contemplada, em 2013, no ProAC com meu solo autoral *Frio Fino Frio*, inspirado em Clarice Lispector. Fui para Israel fazer o curso de gaga (método de dança em que você encontra seu jeito de se mover, com orientações de movimento em vez de reproduções). Embora eu estivesse dentro de uma supercompanhia, eu nunca consegui ficar só aqui.

E como você foi para além do mundo da dança?

Eu sempre busquei muito fora do BCSP porque sou inquieta, curiosa, sentia necessidade de dialogar com a classe da dança, das artes, de conhecer pessoas e lugares. Ia ver tudo que eu podia – teatro, dança, cinema, museu, exposições, tudo. Trabalhei com outras companhias da cena independente, dei

aula, coreografei... Depois que conheci meu companheiro, comecei a trabalhar na cena das artes urbanas e, para além dos projetos artísticos, trabalhamos na construção de um projeto de lei que institui a Cidade de São Paulo como uma Galeria de Arte a Céu Aberto. O PL 379/2020 foi votado em primeira na Câmara dos Vereadores por unanimidade e aguarda a votação em segunda para sanção do prefeito. Isso foi quando eu estava finalizando a graduação. Como o curso era de jornalismo, fiz no meu TCC uma web-reportagem sobre políticas públicas culturais. E eu amo a questão da pesquisa profunda que essa profissão propicia. Eu já estava com a Axé No Corre, uma produtora de artes, e, em 2021, fui convidada para assumir a direção executiva do Instituto Artxs. Quando dei por mim, estava na gestão. O mestrado na FGV vem em consonância com a busca por esse conhecimento.

Sua busca por esses espaços de ativismo marca episódios pessoais, inclusive, sim?

Em 2018, na gestão do Ismael Ivo, o Balé da Cidade fez 50 anos e foi quando eu conheci o artista, produtor cultural e ativista Kleber Pagú. Ele foi o produtor responsável pelo primeiro mural do BCSP na cidade. Hoje ele é meu companheiro de vida e de trabalho, temos um espelhamento de forças, provocações construtivas, produzindo projetos e parcerias. A gente tem um jeitinho carinhoso de falar um com o outro: “Vamos?”. Porque foi assim que a gente se conheceu, no “Vamos?”. E foi nesse vamos que passei a atuar ainda

mais como uma ativista dentro e fora da instituição BCSP/FTM. Fui representante do elenco do balé entre 2017/2019, depois em entre 2019/2020, atuei como conselheira no Conselho Deliberativo da FTM. Fui a primeira mulher eleita como representante dos artistas do TM. E nessa função, mas não só, sofri violência política de gênero, lutei contra o patriarcado, o machismo estrutural e institucional dentro do TM para continuar exercendo meu direito e dever. Alguns artistas, na sua maioria homens, organizaram uma reunião on-line em plena pandemia e tentaram me “impeachmar”. Não conseguiram. Vitória minha e de outras mulheres que na ocasião estavam à frente da instituição. Recebi diversas mensagens de apoio de artistas da casa, sobretudo do Coral Paulistano, que me apoiou publicamente. Ativismo institucional é quando a ação é dentro de uma instituição. Eu também já estava fazendo isso, mas só conheci essa nomenclatura no mestrado.

Quais os principais frutos da sua parceria com Pagú?

Juntos já fizemos muitos projetos. Dos quase 60 murais que tem no Minhocão, uns 40 nós que fizemos. Na *Mostra Brasileiros*, idealizada por nós e com nossa curadoria, trouxemos artistas como Laerte, Marcia Tiburi, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes, Jean Willys e vários outros. O Nós Artistas, em que fizemos frases em gigante pela cidade, como na frente do Masp na Avenida Paulista em que escrevemos “# Vidas Negras Importam”. Depois dessa fizemos uma série: “# Silêncio É Apagamento”, “# Pare o Abuso de Poder” e muitas outras.

Esse projeto foi reconhecido pela ONU e recebeu o Prêmio Denilson Gomes da Cooperativa Paulista de Dança. Foi muito forte para nós, a banca perceber a atitude do corpo implicada nessa ação. E agradeço muito ao Raymundo Costa, que estava na banca, por essa sensibilidade.

O Ray Costa tem uma importância como modelo para você?

Que pessoa maravilhosa é o Ray! Ele é muito importante na minha história e aprendi muito com ele. Olha que curioso: no ano que eu nasci, ele entrou no BCSP. Além de um grande bailarino, ele tem uma trajetória incrível dentro e fora do BCSP. Nessa companhia ele dançou, coreografou, deu aula, foi ensaiador, coordenador artístico, assistente de direção, fez de tudo. Sempre envolvido com a cena da dança fora do Balé da Cidade de São Paulo, fundou a Cooperativa Paulista de Dança, trabalhou para várias ações se



desenvolverem. Me identifico muito com ele, ele é inspirador. E ele sempre me alertava sobre a continuidade da carreira. Ele dizia: “Aproveite tudo e siga em frente. Somos passageiros aqui”.

Quais desafios você vê como companhia pública?

O TM tem mais de 100 anos e o BCSP é o corpo artístico mais jovem da casa. O Balé tem sempre menos orçamento, menos tempo de palco, menos espaço dentro da casa, inclusive não tem nem sede. Pasmem, desde 2020 o BCSP está sem sede. Um absurdo! Ainda assim, é o corpo artístico que tem mais visibilidade. Na história do TM, o corpo artístico que conseguiu levar para o palco novas propostas, trabalhos de vanguarda, disruptivos. As possibilidades artísticas que a dança tem criam fissuras e, quando você percebe, a água já invadiu. O BCSP precisa ser mais valorizado. Nossos indicadores são ótimos, mas ficamos com o menor pedaço do bolo. Se você olhar para o mercado, as companhias públicas seguem o modelo de trabalho do BCSP. Nós somos a referência. O Guáira de Curitiba, a Cia de Manaus, o Castro Alves na Bahia. E esse é justamente o desafio. Como reinventar o BCSP com tantas questões políticas que cercam uma companhia pública? É claro que um bom projeto artístico é fundamental. Mas não há arte que sobreviva à falta de gestão e à falta de continuidade. Antes tínhamos as trocas de governo. Agora, desde que virou fundação, não teve uma OS que tenha conseguido finalizar o contrato. Dizem que vai sair outro edital. Essa falta de estabilidade impacta muito

o nosso trabalho, principalmente porque não existe um projeto de continuidade. Então a pergunta é: como hackear tudo isso, com consciência adaptativa, e fazer arte? Esse foi o motivo para eu aceitar a coordenação artística. A responsabilidade em construir uma ponte entre o fazer artístico e a gestão.

Qual seu balanço do corpo artístico hoje?

O Balé da Cidade sempre foi uma companhia de vanguarda e de excelência. Mas, em algum momento, o BCSP parou de se reinventar. A companhia precisa resgatar a diversidade de fato, de corpos, de pautas. O grupo precisa estudar e se atualizar. Dialogar não apenas com o seu tempo, mas com o futuro. Por exemplo: nós ainda dançamos com um pensamento binário. Estamos muito atrasados. Precisamos resgatar essa ousadia sobretudo politicamente. Isso muda nosso comportamento, logo, nossa dança.

E esse novo papel na sua vida artística?

Eu não vou parar de dançar. É um momento de experiência e de transição. Isso dentro da instituição TM/BCSP, porque fora daqui eu já faço isso há muito tempo na Axé No Corre, no Instituto Artxs e em projetos como convidada. Além da prática, fui estudar para estar mais bem qualificada para cargos de gestão. Precisava me aproximar da teoria e buscar ferramentas para solucionar os problemas. Fiz cursos na área do terceiro setor, estou no segundo semestre do mestrado profissional em gestão e políticas públicas da FGV/SP e meu trabalho final será sobre



a relação entre o setor público e o terceiro setor, com foco no TM em comparação a outros equipamentos culturais. A arte de fazer arte!

De que forma a política pública se combina com o novo momento do Balé?

Dentro de uma ideia de um projeto de continuidade para o Theatro Municipal, temos que levar em consideração que o BCSP não tem seu projeto como companhia de dança contemporânea escrito em lugar nenhum. É preciso estruturar isso, inclusive em termos de lei. Pode parecer clichê, mas precisamos construir agora o que queremos no futuro. Isso é política pública, e por isso me interessa participar. Construir de forma sólida, para que outras pessoas que virão depois de mim possam dar continuidade. Como os núcleos estratégicos do setor público. O TM é um equipamento público e o pensamento de gestão aqui não pode ser privado, muito menos patrimonialista. Seja a FTM, seja a OS, sejam os artistas, tudo aqui tem uma finalidade pública.

Foi um reconhecimento ter sido convidada para o cargo?

Eu entendo que a indicação e o convite estão relacionados à minha trajetória profissional, os mais de 15 anos dançando no BCSP e a qualificação que busquei. Isso foi reconhecido pelo Raymundo Costa, que ocupava esse cargo antes de mim, pelas ensaiadoras Carol Franco e Roberta Botta, pelo Alejandro Ahmed e pela Andrea Caruso. Não foi uma decisão de uma pessoa só. Foi discutido entre essas pessoas antes do convite. A ideia é fazer uma ponte entre os que fazem a arte e os que fazem a gestão, porque nem sempre gestores entendem de arte, e nem sempre os artistas entendem de gestão. Eu sinto que essa ponte está sendo solicitada a mim. Mas tudo é um grande período de experiência na vida. E esse é um momento de construir uma nova relação com o BCSP e com o TM. Com toda certeza, vou dar meu melhor. A dança me ensinou a “tra-bailar”.

Texto: Laila Mahmoud
Fotos: Stig de Lavor



NO DIA DAS CRIANÇAS, TRAGAM SUA FAMÍLIA PARA PARTICIPAR DO FESTIVAL BIG BANG NO THEATRO

No **dia 12 de outubro**, o Theatro Municipal sediará a primeira edição do Big Bang Festival com uma programação infantojuvenil que promete proporcionar uma experiência festiva com apresentações musicais, instalações sonoras e visitas temáticas nos seus diferentes espaços.

O festival é uma iniciativa da companhia belga **Zonzo Compagnie**, que já passou por diversos países europeus e norte-americanos e, em 2023, por meio da parceria com a Sustenidos Organização Social de Cultura, desembarca pela primeira vez no Brasil e na América Latina.

A primeira edição do Big Bang no Brasil tem a curadoria do fundador do festival, o belga Wouter Van Looy, e a cocuradoria do brasileiro Nelson Soares, músico integrante do duo O Grivo. Serão apresentados dois espetáculos belgas: ***Thelonious***, uma homenagem a Thelonious Monk, terá duas apresentações na Sala de Espetáculos, às 11h e às 16h, com duração de 50 minutos. E ***SP!N*** – que leva o público a uma viagem sonora em que os vocais acrobáticos de Junior Akwety rodam em torno das batidas vibrantes de Jochem Baelus – com duas apresentações no Salão Nobre, às 14h e às 18h, com duração de 30 minutos.

As crianças também poderão explorar a instalação ***O Tom das Cores***, uma criação de Karolien Verlinden e Lynn Cassiers, em grupos de 15 crianças a partir de 5 anos. As sessões acontecem a cada 30 minutos, de 10h até 17h30.

INFORMES

Mais uma conquista pelo nosso patrimônio e pela segurança de todos!

Nos últimos dois anos estamos envidando esforços e muito trabalho para promover melhorias nos espaços do Complexo Theatro Municipal de São Paulo. Além de todo o cuidado com a manutenção do patrimônio, iniciamos obras de melhorias nas instalações de modo a garantir maior segurança para todos que frequentam o Theatro.

Por isso, é com grande alegria que comunicamos uma importante conquista, um grande presente para encerrar o mês de aniversário de 112 anos do Theatro: obtivemos a certificação definitiva do AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros). O êxito do AVCB é um grande orgulho para todos nós e gostaríamos de agradecer a cada um pelo empenho e paciência com as obras, os procedimentos burocráticos e a organização das documentações solicitadas.

Um agradecimento especial às equipes de patrimônio e arquitetura, infraestrutura e segurança do trabalho. Também agradecemos aos órgãos que trabalharam em conjunto conosco, o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (Condephaat), o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) e o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), os quais foram fundamentais para estarmos hoje comemorando esse feito.

PROGRAMA MAÇÃO



ENCONTRO COM AUTORES

OUT 2023
18 quarta 19h

ALINE BEI
escritora

CLÁUDIO LEAL
mediação

Como extensão do Prêmio Jabuti de 2023, a série de debates traz autores premiados para falarem sobre suas obras e os assuntos que os movem.

GRATUITO
(entrada livre)

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
90 minutos

THEATRO MUNICIPAL
SALÃO NOBRE

QUARTETO DE
CORDAS DA CIDADE
DE SÃO PAULO

OUT 2023
12 quinta 20h

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
60 minutos

PRAÇA DAS ARTES
SALA DO CONSERVATÓRIO

QUARTETO
TOCA BEETHOVEN
**A HARPA
E A COBRANÇA**

Seguindo para sua penúltima apresentação da série de Beethoven, Betina Stegmann e Nelson Rios no violino, Marcelo Jaffé na viola e Rafael Cesario no violoncelo apresentam o *Quarteto Op. 74, Harp* e *Quarteto Op. 135*, de Ludwig van Beethoven.



BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

OUT 2023
19 e 20 quinta
e sexta **20h**
21 e 22 sábado
e domingo **17h**
24 e 25 terça
e quarta **20h**
26 e 27 quinta
e sexta **20h**

INGRESSOS
R\$12-84

classificação
indicativa **18 anos**

duração aproximada
80 minutos

THEATRO MUNICIPAL
SALA DE ESPETÁCULOS

**SIXTY
EIGHT EM
AXYS ATLAS
e VARIAÇÃO**

SIXTY-EIGHT EM AXYS-ATLAS

ALEJANDRO AHMED
concepção e coreografia

O GRIVO
em diálogo com a peça Sixty
Eight, de John Cage, composta
em 1992 para orquestra

VARIAÇÃO

DAVI PONTES
concepção e coreografia

PODESERDESLIGADO
trilha sonora

CORAL
PAULISTANO

OUT 2023
22 domingo **11h**

INGRESSOS
R\$5

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
60 minutos

THEATRO MUNICIPAL
SALA DE ESPETÁCULOS

IV FESTIVAL DE COROS

CORAL PAULISTANO
regência de Isabela Siscari e
maestros convidados Bruno
Costa e Danielly Souza

COROS CONVIDADOS

CORAL JOVEM DA EMM
regência de Maira Ferreira

GRUPO MOSAICO
regência de Luis Anselmi

No repertório, obras de Gilberto
Gil, Almeida Prado, Osvaldo
Lacerda, Antonio Ribeiro, Milton
Nascimento, entre outros.



MUNICIPAL CIRCULA APRESENTA CONCERTO DIDÁTICO

BALÉ DA CIDADE
DE SÃO PAULO

OUT 2023
26 quinta **11h e 15h30**

SIXTY-EIGHT EM AXYS-ATLAS

ALEJANDRO AHMED
concepção e coreografia

O GRIVO
em diálogo com a peça Sixty
Eight, de John Cage, composta
em 1992 para orquestra

VARIAÇÃO

DAVI PONTES
concepção e coreografia

PODESERDESLIGADO
trilha sonora

EVENTO GRATUITO
DIRECIONADO PARA
GRUPOS FECHADOS

classificação
indicativa **14 anos**

duração aproximada
80 minutos

THEATRO MUNICIPAL
SALA DE ESPETÁCULOS

CICLO DE ENCONTROS - PORTAL DO ACERVO

OUT 2023
26 quinta 15h às 17h

RODA DE CONVERSA – PORTAIS DE ACERVO: DESAFIOS PARA DIFUSÃO E ACESSO

Neste segundo encontro, o Núcleo de Acervo e Pesquisa convida profissionais de instituições culturais e de memória que realizam a gestão de acervos para debater os desafios para difusão e acesso. O público é convidado a participar, contribuindo para a construção do Novo Portal de Acervo do Complexo Theatro Municipal.

GRATUITO
(entrada livre)

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
120 minutos

PRAÇA DAS ARTES
SALA DE EXPOSIÇÕES



QUARTETO DA CIDADE APRESENTA “BRAZUCA”

QUARTETO DE
CORDAS DA CIDADE
DE SÃO PAULO

OUT 2023
26 quinta 20h

Para fechar o mês de outubro na Sala do Conservatório, o Quarteto da Cidade apresenta composições dos brasileiros Alberto Nepomuceno e Arthur Barbosa.

INGRESSOS
R\$32

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
60 minutos

PRAÇA DAS ARTES
SALA DO CONSERVATÓRIO

ENCONTRO COM AUTORES

OUT 2023
27 sexta 19h

ITAMAR VIEIRA JR.
escritor

Como extensão do Prêmio Jabuti de 2023, a série de debates traz autores premiados para falarem sobre suas obras e os assuntos que os movem.

GRATUITO
(entrada livre)

classificação
indicativa **livre**

duração aproximada
90 minutos

PRAÇA DAS ARTES
SALA DO CONSERVATÓRIO]



PROGRAMAÇÃO ESPECIAL NO MÊS DAS CRIANÇAS

OUT 2023
3, 10, 17, 24 e 31
terça **10h30**

No mês das crianças, venha conhecer Theatro Municipal São Paulo de formas diferentes! Por meio de conversas, brincadeiras e atividades artísticas, vamos realizar visitas especiais para crianças e suas famílias envolvendo temas e histórias que atravessam os 112 anos de vida do TMSP.

GRATUITO
(entrada livre)

classificação
indicativa **livre**

THEATRO MUNICIPAL

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA **SALA DE REBOCO**

OUT 2023
3, 10, 17, 24, 31
terça **14h30**

GRATUITO
(entrada livre com limite
máximo de 100 participantes)

classificação
indicativa **livre**

duração **120 minutos**

THEATRO MUNICIPAL
SAGUÃO

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO coordenação

Em Sala de Reboco, o Bando de Régia apresenta uma série de concertos didáticos sobre a história do forró associada à diáspora dos nordestinos no Sudeste com intuito de valorizar as matrizes tradicionais deste bem cultural para além dos festejos juninos.

O projeto recolherá memórias dos participantes durante os encontros, que serão usadas para escrita de um cordel.

Projeto contemplado pelo Edital de Residência Artística e Mediação Cultural do Complexo Theatro Municipal.



REPERTÓRIO DAS MÃOS

OUT 2023
4, 11, 18 e 25 quarta **14h**

ATELIÊ VIVO coletivo

Encontros semanais de introdução ao mundo têxtil para investigar, por meio de linhas, retalhos, desenhos e agulhas, nossos mundos interiores. O processo criativo aborda exercícios de desenho, tecelagem manual, estamparia, bordado em talagarça e colagem têxtil. Os encontros buscam pôr em prática a criatividade experimentando fios, cores e texturas em diferentes superfícies. Ao final, será organizada uma exposição.

GRATUITO
(entrada livre com limite máximo
de 25 participantes)

classificação
indicativa **livre**

duração
180 minutos

PRAÇA DAS ARTES
SALA DE EXPOSIÇÕES

Projeto contemplado pelo Edital de Residência Artística e Mediação Cultural do Complexo Theatro Municipal.

COMUNICAÇÃO

Coordenadora

Elisabete Machado Soares dos Santos

Assessoria de imprensa

André Santa Rosa Lima

Laila Abou Mahmoud

Audiovisual

Larissa Lima da Paz

Stig de Lavor

Comunicação interna

Guilherme Dias

Conteúdo

Laureen Dávila

Design

Karoline Marques

Winnie Affonso

Digital e redes sociais

Gustavo Quevedo

Tatiane de Sá

Aprendiz

Francielli Perpétuo

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Produção de Conteúdo

Guilherme Dias

Design

Winnie Affonso

Fotos

Stig de Lavor

Entrevista

Laila Mahmoud

Revisão

Ciça Corrêa

